

## CONCLUSÕES ÉTICAS<sup>1</sup>

### Conclusão 1

#### Do mal

A ética complexa reconhece a complexidade do bem e a complexidade do mal.

Encontrei a complexidade do bem em suas contradições e em suas incertezas (insuficiência de boas intenções, ecologia da ação, desvios, ilusões).

Mas contornei ao longo deste livro o enigma do mal, pois enfrentava uma incerteza e chocava-me com uma contradição, o que examinarei a seguir.

Como foi indicado no capítulo sobre o "Retorno às fontes cósmicas" (primeira parte, capítulo II), um mundo só pode advir pela separação e só pode existir na separação: *diabolus* é quem separa. É interessante observar que, no masdeísmo como na religião de Manes, a origem do mundo é diabólica. Sem *diabolus*, não há mundo, pois não há como existir sem as separações do tempo e do espaço, as separações entre as coisas, entre os seres. Mas sem unidade no separado, não há mundo tampouco. Mais: a unidade do mundo engloba as separações e as limita e relativiza. Em outras palavras, o que une e o que separa nascem ao mesmo tempo (Masda e Arimã são as duas figuras antinômicas do mes-mo, assim como Deus e o Diabo).

A separação aumenta e intensifica-se com a dispersão das partículas, dos átomos, das estrelas, das galáxias.

Contudo, como vimos, as forças cósmicas de religação desenvolveram-se a partir da separação, por encontros, afinidades, associações, integração dos átomos às estrelas.

A "Arque-Mal" do universo, essa força de separação, é inseparável da existência do nosso universo; e a "Arque-Bem", a religação, é inseparável da separação. Se o mal é separação, e o bem religação, o mal permite o bem. O princípio da religação não poderia ser independente do seu contrário. É preciso, então, colocá-los em relação complexa (não apenas antagônica, mas também concorrente e complementar).

O nosso universo é "imperfeito", mas a imperfeição é a condição da sua existência: a perfeição teria feito do universo uma máquina absolutamente determinista, à Laplace, na qual nenhum acontecimento, nenhuma existência singular, nenhuma inovação, nenhuma criação seriam possíveis.

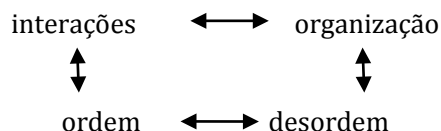
A imperfeição, necessária à existência do mundo, compor-ta, ao mesmo tempo, o mal e o bem cósmicos. Certo, as forças de religação são forças "fracas" e, embora capazes de renovar-se, de desenvolver-se, de regenerar-se, submetidas à hegemonia da se-paração e da dispersão. As forças de separação, dispersão e aniquilamento que se desencadearam desde a origem do mundo con-tinuam a agir. As estrelas explodem ou implodem, apagam-se, devoram-se, afundam-se em buracos negros.

O cosmos é, ao mesmo tempo, ordem e fúria devastadora; a ordem estabelece-se no seio da desordem. O segundo princípio da termodinâmica não é princípio do mal, mas a conseqüência do ad-vento térmico original. Produz a desorganização em tudo o que é organizado, a desintegração em que tudo o que está integrado, a morte de tudo o que vive. Daí a crueldade do mundo para todo ser vivo e para todo ser humano.

---

<sup>1</sup>MORIN, Edgar. O Método 6 – Ética. Porto Alegre : Sulina, 2005 (pp. 185 a 202).

Tudo o que vem ao mundo deve situar-se num complexo cósmico determinado pelo jogo dialógico (antagônico, concorrente, complementar) no tetragrama:



Os dois processos antagônicos e ligados, o da formação e do desenvolvimento das organizações e o da desorganização, in-serem o segundo princípio da termodinâmica no princípio cósmico do tetragrama. É preciso compreender que é desintegrando-se que o mundo se organiza e que se organizando que ele se desintegra; isso determina simultaneamente a crueldade do mundo e a possibilidade de resistência a ela.

### *O mal de vida*

As forças fracas da vida lutaram contra as forças de esmagamento do mundo físico por meio de mil modos de reprodução, disseminação de germes, multiplicação de ovos e por meio de mil modos de religação: intercomunicações bacterianas, associações de células em policelulares, proteção da prole, associações de animais em sociedade, intersolidariedade de ecossistemas. Tudo isso permitiu à vida espalhar-se pelos oceanos, difundir-se pelos continentes e lançar-se nos ares.

A vida luta cruelmente contra a crueldade do mundo e resiste com ferocidade à sua própria crueldade. Todo ser vivo mata e come outros seres vivos. A cadeia alimentar dos ecossistemas (cadeia trófica) é, ao mesmo tempo, um ciclo de morte para animais e vegetais devorados. A regulação ecológica paga-se com hecatombes<sup>142</sup>. A crueldade é o preço a pagar pela grande solidariedade da biosfera. A natureza é simultaneamente mãe e madrasta.

Todo ser vivo luta contra a morte incorporando a morte para se regenerar (morte das células nos organismos individuais substituídas por células novas; morte dos velhos nas sociedades substituídos por novas gerações). A morte, mal supremo para o ser vivo, provém do processo de degradação física simbolizado pelo segundo princípio da termodinâmica, mas essa degradação, ao longo da vida, é utilizada para o rejuvenescimento e a regeneração do organismo que substitui as suas moléculas e células degradadas por novas. Heráclito dizia justamente, "vi ver de morte, morrer de vida", indicando que a vida colabora com o seu inimigo mortal para conseguir regenerar-se. O mal da morte é utilizado para o bem da vida sem deixar de ser o mal da morte.

Assim, para a natureza viva como para a natureza física, não se poderia isolar nem substancializar um princípio do Mal.

Mas não se poderia ignorar que a natureza física impõe a sua crueldade à natureza viva e que esta produz a sua crueldade no que se deve chamar darwinianamente de luta pela vida, embora as relações cooperativas, sob a forma de simbioses e de sociedades, sejam onipresentes nessa luta.

Enfim, é a partir do espírito humano que a crueldade do mundo aparece como tal, pois produz o sofrimento ao mesmo tempo que a consciência desse sofrimento.

### *A humanidade do mal*

Quando analisamos a ferocidade do mundo, não podemos encontrar ou isolar um princípio do mal, uma entidade satânica. Mas vemos que muitos males nos atingem e que produzimos, as separações, as degradações, as desintegrações, as violências, as explosões de fúria, as destruições de

civilizações, os genocídios, são como que continuadores ou herdeiros das violências e fúrias cósmicas. Os conflitos e os antagonismos entre indivíduos ou grupos são continuadores e herdeiros dos conflitos e dos antagonismos do mundo da vida.

Os recém-nascidos vêm ao mundo chorando de dor. Nasce-mos na crueldade do mundo e na crueldade da vida, ao que acrescentamos as nossas crueldades, mas também nossa bondade.

Nosso destino está gravado na crueldade do mundo.

*A noção de mal é inseparável da subjetividade humana: só um sujeito individual pode sofrer com o mal e somente um sujeito individual pode querer fazer mal.* Como diz Jean Claude Guillebaud, "o mal está irredutivelmente em mim".

Nasce-mos na crueldade do mundo e da vida, mas são a nossa sensibilidade, nossa afetividade, nossa carne, nossa alma e nosso espírito de indivíduos que adquiriram uma aptidão inusitada para sofrer. Os seres humanos, seres de carne, de alma e de espírito, podem sofrer ao mesmo tempo de sofrimento carnal, de sofrimento da alma e de sofrimento do espírito. É o trágico privilégio da subjetividade humana experimentar, sob a forma de sofrimento e dor, a crueldade do mundo, a crueldade da vida, a crueldade humana. Se os animais e talvez os vegetais sofrem, são os seres humanos que adquiriram as maiores aptidões para o sofrimento embora também tenham adquirido as maiores aptidões para o gozo; mas a maioria deles sofre mais do que gozou ou goza.

Há uma prolongação humana das forças cruéis da natureza.

Mas há também uma crueldade humana nova e original em relação à crueldade da natureza e à crueldade da vida. Há um mal propriamente humano que é o mal praticado voluntariamente por um ser humano contra outro ser humano.

Há no ser humano uma formidável proliferação de maldade, de vontade de fazer mal, prazer em fazer mal.

Esse mal do ser humano sobre o humano vem do ódio, da incompreensão, da mentira e é alimentado pela barbárie do espírito, não sai da crueldade objetiva da natureza, mas da crueldade subjetiva do ser humano, a qual se origina, embora não se reduza a isso, do fechamento egocêntrico.

O ser humano carrega um fervilhar de monstros que se libertam em todas as ocasiões favoráveis. O ódio espalha-se por um nada, um esquecimento, um raspão de carros no trânsito, uma distração de alguém, um olhar, um favor não feito, a inveja da reputação de um colega, um mínimo incidente. O egoísmo, o desprezo e a indiferença agravam por toda parte e incessantemente a ferocidade do mundo humano; o excesso de crueldade nutre por saturação a indiferença e a desatenção.

A ferocidade nas relações entre indivíduos, grupos, etnias, religiões e raças continuam assustadoras. As antigas barbáries que se desencadearam desde o começo da história humana voltaram a agir e aliaram-se com a barbárie civilizada em que a técnica e a burocracia, a especialização e a compartimentação intensificam a crueldade pela indiferença e pela cegueira; a dependência em relação ao dinheiro, a independência graças ao dinheiro e o poder do dinheiro generalizam e ampliam a avidez impiedosa.

O mal experimentado como perda, separação e sofrimento é anterior à humanidade, mas vai culminar em humanidade.

O que é o mal feito pelo ser humano? Seria, enfim, possível revelar esse princípio do mal que não conseguimos isolar na natureza, mas que se imporia satanicamente no mundo humano?

Deve-se ver na subjetividade humana uma fonte específica do mal, oriunda do egocentrismo, mas que não pode ser pura e simplesmente reduzida a ele?

Não seria isso que explicaria a crueldade inusitada dos massacres, genocídios, escravidões, explorações, mas também do cotidiano, amargor, ofensas, rejeições, maldades?

Encontro aqui a incerteza e as contradições citadas antes. Quando analiso a vontade de fazer mal a alguém, tanto o mal se decompõe em meu espírito quanto, ao contrário, tendo a reconhecê-lo como realidade própria.

Na primeira ocasião, o mal surge como o resultado de uma falta ou de um excesso.

A falta pode vir da insensibilidade, da indiferença, da ignorância, da inconsciência, da deficiência mental, da falta de razão, de sabedoria, de amor, de compaixão; daí a pertinência da máxima atribuída a Sólon e retomada por Sócrates: "Ninguém é mau voluntariamente".

O excesso produtor de mal é a desmedida - a *hubris* - acompanhada pela desrazão; em outras palavras, o lado demens do *homo sapiens demens*. Se a demência faz o mal, não é o mal que faz a demência; o mal é subordinado, não principal.

Entendo que umas das causas principais do mal está na convicção de possuir o bem ou de ser possuído pelo bem, o que produziu incontáveis massacres, perseguições e guerras religiosas, nacionais e civis. A crença de fazer o bem é uma causa poderosa do mal, embora não resulte de uma vontade má, mas de uma carência de racionalidade e/ou de um excesso de fé que é fanatismo.

Na dupla perspectiva em que o mal é devido a uma falta ou a um excesso, não há um princípio do mal no ser humano. O mau é ignorante ou demente.

Na segunda eventualidade, a noção de mal impõe-se a mim irredutivelmente quando penso no ódio, na maldade, no sadismo, na vontade de prejudicar; não posso, então, dissolver esse mal na inconsciência ou no delírio, ainda que também haja isso.

Por que não posso reduzi-los? Porque o mal existe como emergência, ou seja, um tipo de realidade produzida por um conjunto de condições (psicológicas, sociológicas, históricas), mas que, formado, ganha existência própria e é irredutível aos seus componentes.

Eis a contradição: quando considero o mal cometido pela crueldade subjetiva, quando considero esse mal de maldade de frente, vejo-o como realidade própria (emergência) e não conseguiria reduzi-lo aos seus antecedentes, causas, deficiências. Mas, se tomo em consideração os seus antecedentes e causas, encontro deficiências e carências profundas, *hubris* e delírio. Tendo então a dissolver o mal nas suas causas e condições.

Consigo, portanto, reconhecer a realidade do mal cometido pela crueldade subjetiva, mas não posso reduzi-lo a um princípio do Mal e menos ainda a um príncipe do Mal; a sua existência é secundária, pois, embora emergente, depende dos seus componentes.

Por um momento, cheguei a crer que o mal e o bem não passam de reificações. São emergências.

O mal é o desastre, o horror da condição humana. Cada um o carrega parcialmente, mas é preciso certo número de condições para que possa emergir. Assim, a guerra é uma das condições mais freqüentes e mais radicais para a emergência do ódio e do sadismo que levam a estuprar, torturar, humilhar, massacrar. Os cidadãos de Sarajevo viviam pacificamente entre eles havia séculos, mas, nas condições do terrível conflito étnico-religioso do fim do século XX, o mal apossou-se de alguns deles sob a sua forma mais monstruosa. Toda a guerra e toda a repressão transformam alguns dos seus protagonistas em carrascos. A simpática Lynndie England, transportada do seu Minnesota para a prisão de Abu Ghraib, transformou-se num pequeno monstro sádico.

Assumo, finalmente, a contradição. O mal existe e não existe. Não existe quando se pode reduzi-lo às faltas (inconsciência, ignorância, etc.) e aos excessos (*hubris*, delírio), embora essas faltas e excessos causem mal por toda parte. Existe irredutivelmente como emergência e ganha uma terrível realidade, mas não é uma realidade primeira. O mal existe embora não exista princípio do Mal.

O horrível no humano é a conjunção da crueldade provocada pela falta, pelo excesso e pela maldade. É a conjunção da dor sofrida por causa das doenças; da fome, de inundações e do mal cometido para prejudicar e destruir. É a conjunção da crueldade do mundo e da crueldade humana. Tudo isso, que desde a antiguidade não pára de desabar sobre nós, devasta a humanidade, em todas as civilizações, em guerras, conquistas e dominações, nos abjetos processos de Moscou e na horrorosa repressão stalinista, no rastro de morte da Segunda Guerra Mundial, na monstruosidade racista do nazismo e na tentativa de genocídio dos judeus e ciganos, nas e pelas engrenagens burocráticas das prisões e campos de concentração (onde a burocracia, em vez de eliminar sevícias, suplícios e atrocidades cometidas pelos guardas, os favoreceu), no delírio ideológico do comunismo polpotiano, nos massa-cres com tendência genocida do Ruanda, na desgraça do povo palestino suportando o fardo

dos sofrimentos passados e futuros, nas torturas praticadas novamente e multiplicadas, forma Supre-ma de revelação da ignomínia humana.

Não se pode erradicar o potencial de maldade do demens, mas o mal está também além do demens.

*Diabolus* é o espírito que separa, mas, se a separação produz o mal, é o produto do surgimento deste mundo que só pode existir na separação.

Mefisto define-se no Fausto de Goethe como o "espírito que sempre nega", mas a negação não é produzida pelo mal e não produz necessariamente o mal. A vida, como neguentropia, é negação da entropia utilizando esta para regenerar-se. A negação do que a nega faz parte da afirmação da vida.

Satã quer o mal, a perdição, o sofrimento. Esse príncipe das trevas não existe, mas simboliza efetivamente o mal como crueldade subjetiva. Ele não existe, mas a aptidão satânica habita o espírito humano.

O mal é complexo: um ser de emergência. É real, mas não pode ser unificado nem reduzido a um princípio. Comporta incerteza e contradição. Não pode ser limitado a um maniqueísmo de absoluta disjunção e separação, Bem e Mal, império do Bem contra império do Mal. Não se poderia sonhar num universo expurgado de todo mal, pois o esvaziamento correria o risco de arrastar o próprio universo.

No limite, o Bem torna-se Mal e o Mal torna-se Bem. O Evangelho segundo Jesus Cristo, de Saramago, ilustra essa idéia fazendo de Deus e de Satã duas figuras do mesmo.

Deus e Satã não estão fora de nós nem acima de nós: estão em nós. O pior da crueldade e o melhor da bondade do mundo estão no ser humano.

O bem está condenado a ser fraco; isso significa que se deve abandonar todo sonho de perfeição, de paraíso, de harmonia. O bem está sempre ameaçado e sob perseguição. Isso quer dizer que induz a uma ética de resistência.

Podemos resistir à crueldade do mundo e à crueldade humana pela solidariedade, pelo amor, pela religião e por comiseração pelas infelizes vítimas. O combate essencial da ética é a dupla resistência à crueldade do mundo e à crueldade humana.

"É impossível que o mal desapareça", dizia Sócrates em Teeteto. Sim, mas é preciso tentar impedir o seu triunfo.

## Conclusão 2

### Do bem

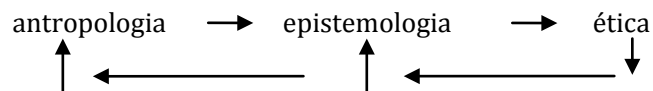
#### *Pensamento complexo e ética: religião*

Embora não se possa deduzir, a ética complexa possui, como ingredientes indispensáveis, o pensamento e a antropologia com-plexos. Assim, ordena que assumamos eticamente

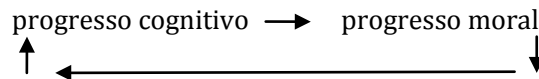
- a tríade humana indivíduo/sociedade/espécie;
- a triunidade psíquica pulsão/afetividade/razão;
- as antinomias *sapies/demens, faber/mitologicus, economicus/ludens, prosaicus/poeticus*.

Ainda que possamos nutri-la nas fontes da religião cósmica, a ética complexa necessita daquilo que é mais individualizado no ser humano, a autonomia da consciência e o sentido da responsabilidade. Necessita, como vimos, do desenvolvimento do potencial reflexivo do espírito, especialmente na auto-análise e na atenção à ecologia da ação. A ética complexa conecta-se, ao mesmo tempo, à religião vinda das profundezas do tempo e à religião do nosso tempo, da nossa civilização, da nossa era planetária.

A ética complexa insere-se num circuito de religião em que cada instância é necessária às outras:



Ela permite unir:



O progresso ético só pode realizar-se pelo enraizamento, pelo desenvolvimento e pela sinergia das duas consciências: a intelectual e a moral.

O pensamento complexo é o pensamento que religa. A ética complexa é a ética da religião.

A missão ética pode concentrar-se no termo "religar".

É preciso, para todos, pela sobrevivência da humanidade, reconhecer a necessidade de:

- religar-se aos nossos;
- religar-se aos outros;
- religar-se à Terra-Pátria.

A religião, vamos repetir, inclui a separação. Somente o separado pode ser religado. A ética, em nível humano, deve realizar, na fraternidade e no amor, a união na separação ou, em outras palavras, a união da união e da separação.

### *A complexidade ética*

Durante muito tempo, hesitei quanto ao título deste livro.

Tanto Ética simplesmente parecia bastar e ter mais força do que com o adjetivo complexa. Tanto me parecia que é a complexidade que distingue a ética, como a entendo, de qualquer outra.

O leitor agora já sabe: a ética é complexa por ser, ao mesmo tempo, una e múltipla. Unifica no seu tronco comum e diversifica nos seus ramos distintos, auto-ética, sócio-ética, antropológica. Nessa unidade/pluralidade, a ética complexa ordena que assumamos eticamente a condição humana.

A ética é complexa por ser de natureza dialógica e ter sempre de enfrentar a ambigüidade e a contradição. É complexa por estar exposta à incerteza do resultado e comportar aposta e estratégia. É complexa por não impor uma visão maniqueísta do mundo e renunciar à vingança punitiva.

É complexa por ser uma ética da compreensão, sabendo-se que a compreensão reconhece a complexidade humana.

### *A fragilidade ética*

A ética complexa é frágil. Permanece incerta e inacabada; é uma ética que passa incessantemente pela incerteza da contradição em si mesma e pela incerteza do aleatório no seu meio (ecologia da ação). É uma ética da aposta. Vulnerável ao medo, à ira, ao desprezo, à incompreensão, deve, sem parar, resistir a isso tudo.

Desarmada diante da ciência, da técnica e da política, deve permanentemente auto-regenerar-se contra os endurecimentos, as esc1eroses e as degradações. O espírito precisa estar vigilante na luta contínua contra as simplificações, cujos riscos aumentam em períodos de histeria coletiva, de crise, de guerra. Estamos num desses períodos, o que aumenta a necessidade de pensamento e de ética complexos.

Como vimos, a ética complexa necessita de uma reforma do espírito e de uma reforma de vida para fortalecer-se e desenvolver-se, sabendo-se que as reformas de espírito e de vida precisam de uma ética complexa para se fortalecer e desenvolver.

### *A modéstia ética*

A ética complexa é inevitavelmente modesta. Ordena que sejamos exigentes conosco e tenhamos indulgência, melhor, compreensão pelos outros. Não tem a arrogância de uma moral de fundamento garantido, ditada por Deus, pela Igreja ou pelo Partido. Autoproduz-se a partir da consciência individual. Não tem poder absoluto, somente fontes, que podem se esgotar.

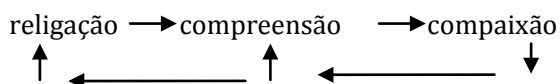
A ética complexa não propõe a soberania da razão, o que seria loucura, mas a dialógica em que racionalidade, amor e poesia estão sempre presentes e ativos. Visa a uma sabedoria que não reside na impossível vida racional, mas na auto-elucidação e na compreensão. Não comanda, pilota a paixão. A ética não pode nem deve sufocar os nossos demônios, mas, como piloto de lançamento, guia a liberação energética deles.

Prega o abandono de todo sonho de controle (inclusive do seu controle). Sabe que é impossível conceber e garantir um Bem soberano. Não é a norma arrogante nem o evangelho melodioso, mas o confronto com a dificuldade de pensar e de viver.

A ética complexa é sem salvação e sempre promessa. Incorpora o desconhecido do mundo e do futuro humano. Não é triunfante, mas resistente. Resiste ao ódio, à incompreensão, à mentira, à barbárie, à crueldade.

## *Regenerar*

A ética nunca está pronta; não é um bem de que se possa ser proprietário; deve incessantemente regenerar-se e o faz no circuito



"Regenerar" é a palavra-chave comum à vida, ao conhecimento e à ética: tudo o que não se regenera, degenera. A ética também deve regenerar-se permanentemente. Se não regenera bebendo nas suas fontes vivas, degrada-se em moralina, esclerose e petrificação da moral.

Coisa admirável, a ética pode regenerar-se mesmo no que tinha degenerado. É a partir da degenerescência da ética revolucionária que Gide, Koestler, Kolakowski e tantos outros sentiram a obrigação moral que os fez vomitar as mentiras stalinistas. Foi quando lhes pediram para praticar atos ignóbeis que Hans-Joachim Klein, do grupo de Baader, e outros membros das Brigadas Vermelhas experimentaram o sobressalto moral que lhes fez abandonar o terrorismo. A ética ressurgiu onde se imaginava que tivesse desaparecido. "Crucificada pelo marxismo e pela psicanálise, a ética ressuscitou quase idêntica a si mesma, quase pronta para enterrar os seus coveiros"<sup>147</sup>, observa Kostas Axelos.

A ética complexa regenera o humanismo. Existiam dois humanismos no humanismo: o humanismo ético do respeito mútuo universal reconhecendo em todo o ser humano um semelhante e reconhecendo para todos os seres humanos os mesmos direitos; e o humanismo antropocêntrico que destinava o homem, único sujeito num mundo de objetos, à conquista deste mundo.

O humanismo regenerado rompe com a conquista do mundo e controla a natureza. Inscreve-se na aventura cósmica. Supera a oposição à natureza, mas também a incorporação pura e simples pela natureza. O ser humano não é sujeito do universo, mas no universo. Somos responsáveis pela vida na terra e pela vida da Terra, sua biosfera. Devemos ser os co-pilotos do planeta, os pastores das nucleoproteínas que são os seres vivos.

O humanismo regenerado não se baseia na soberania, mas na fragilidade e na mortalidade do indivíduo sujeito; não se baseia na sua realização, mas no seu inacabamento; rejeita a ilusão do progresso garantido, mas acredita na possibilidade da metamorfose das sociedades numa sociedade-mundo capaz de tornar-se Terra-Pátria.

## *Esperança/desesperança*

A ética complexa é de esperança ligada à desesperança. Conserva a esperança quando tudo parece perdido. Não é prisioneira do realismo que ignora o trabalho subterrâneo minando o subsolo do presente, a fragilidade do imediato, a incerteza encoberta pela realidade aparente; rejeita o realismo trivial que se adapta ao imediato, assim como o utopismo trivial que ignora os limites da realidade. Sabe que há um possível ainda invisível no real.

A esperança sabe que o inesperado pode acontecer e que, na história, o improvável aconteceu com mais frequência que o provável. Aposta no potencial genérico (criador, regenerador) do ser humano. Por isso acredita na metamorfose que produziria um renascimento da humanidade.



Como diz Ernst Bloch, a esperança está "ligada ao ainda não, à aurora a vir, a isso de que o mundo está cheio, mas corre o risco de nunca acontecer, embora se continue a acreditar".

A esperança apega-se ao inesperado. "Se tu não buscares o inesperado, não encontrarás", dizia Heráclito. Xavier Sallantin afirma que somente a energia do desespero mais extremo ser bastante poderosa para dar a coragem de uma esperança con-tra toda previsão.

A esperança não é certeza. Dizer que se tem esperança é afirmar que existem muitas razões para desesperar. Ignoramos os limites do possível, daí a justificação da esperança, mas sabemos que esses limites existem, de onde a confirmação da desesperança. A esperança do possível é gerada sobre o impossível.

De qualquer maneira, é um horizonte de desesperança que aparece ao pensamento. Como vimos, tudo morrerá e tudo se dispersará. Aqui, posso esclarecer o mal-entendido em relação ao meu evangelho da perdição. Não é um evangelho de desesperança, mas de fraternidade. "Sejamos irmãos porque estamos perdidos", substitui o "sejamos irmãos PARA QUE nos salvemos". Diz-nos para não buscar consolo na crença de que existe um além-morte nem na esperança de que o universo escapará do desaparecimento, mas nos seres bons e doces que amam e podem compreender-nos com nossas fraquezas e doenças.

Não nego a idéia de salvação por masoquismo, mas um mínimo psíquico de racionalidade impede-me de crer nisso. Mas a renúncia à Salvação, ao Prometido, faz-me aderir ainda mais à poesia da vida. Onde há desesperança, a poesia da vida, participação, comunhão, amor, leva alegria e plenitude.

*"Muss es sein? Es muss sein!"*

O sentido que eu dou, enfim, à ética, caso seja necessário um termo que englobe todos os seus aspectos, é o de resistência à crueldade do mundo e à barbárie humana. A resistência à crueldade do mundo compreende a resistência ao que há de destrutor e de impiedoso na natureza; a resistência à barbárie humana é a resistência à crueldade do sapiens e ao lado negro do demens. Esse sapiens que exterminou o Neandertal da Europa. O mesmo sapiens que exterminou os índios da América, os aborígenes da Austrália e criou a escravidão, as galés, Auschwitz e o Gulag. A barbárie humana não cessou de provocar devastação e não diminuiu; encontrou nas técnicas modernas os meios de aumentar desmesuradamente o seu estrago tanto em guerras étnicas quanto em guerras de religião e de nações, que se combinam e superpõem. Os civilizados continuam a praticar genocídios e etnocídios contra povos arcaicos (índios da Amazônia, tarahumaras da Sierra Madre, México, e tantos outros denunciados por *Survival International*).

A barbárie humana está instalada no próprio coração das nossas civilizações pelas relações de dominação e de exploração, de humilhação e de desprezo. A barbárie fermenta em cada um de nós e nossa própria barbárie interior nos autojustifica sem parar, faz-nos mentir para nós mesmos e sempre nos empurra para a lei de talião e para a vingança. É a barbárie entre apaixonados na qual a demência do ciúme se torna mortal (como no caso de Belrand Cantat e de Marie Tlignant) e a barbárie de vingança que pretende ignorar o aspecto accidental de um crime (Nadine Trintignant); é a barbárie conjugal 150; é a barbárie da incompreensão entre pais e filhos, irmãos, colegas. São os assassinatos psíquicos que cometemos em permanência, sendo mais bárbaros os que deveriam dar exemplo de inteligência, intelectuais cujo egocentrismo hipertrofiou-se pela vaidade e o desejo de glória. A guerra à inteligência persiste no próprio seio da intelligentsia.

A resistência à barbárie humana é a resistência ao triunfo da maldade, à indiferença, à fadiga: "Quanto mais somos atacados pelo vazio que, feito um abismo, ameaça, por todos os lados, engolir-nos, ou por essa coisa múltipla que é a sociedade dos homens com suas atividades e que, sem forma, sem alma e sem amor, persegue-nos e distrai-nos, mais a resistência da nossa parte deve ser apaixonada, veemente e selvagem ..." (Holderlin).

A barbárie está em nós. Os nossos espíritos são profundamente bárbaros (esse é o grande ensinamento de Freud, embora enunciado em outros termos). A nossa civilização alicerça-se na

barbárie (como percebeu Walter Benjamin). A resistência à crueldade do mundo e a resistência à barbárie humana são as duas faces da ética, cuja primeira exigência é de não ser cruel e não ser bárbaro. A ética remete-se para a tolerância, a compaixão, a mansidão e a misericórdia.

### *Ética de resistência*

Aquilo que une a ética da compaixão à ética da compreensão é a resistência à crueldade do mundo, da vida, da sociedade e à barbárie humana.

Existem múltiplas ilhas de bondade entre nós. Tudo deve começar com elas...

Tentar reduzir a crueldade humana é elevar o espírito, a consciência e diminuir a inconsciência e a ignorância produtoras de mal; introduzir a razão na paixão para impedir a passagem ao delírio e à desmedida do *homo demens* é, ao mesmo tempo, enfrentar as condições que fazem emergir a crueldade subjetiva.

E apostar nas "forças fracas" da religião. Essas forças fracas de cooperação, de compreensão, de comunidade, de amor, precisam ser apoiadas pela inteligência, pois, em contrário, favorecem as forças da crueldade. São sempre as mais fracas, mas, graças a elas, existem momentos na vida dignos, famílias que amam, amizades calorosas, entrega, caridade, compaixão, consolo, amores, impulsos de coração. É assim que o mundo vai, mal ou bem, sem afundar total mente na barbárie. São essas forças fracas que tornam a vida aceitável e a morte indesejável. São elas que nos permitem acreditar na vida, a qual, por seu turno, faz-nos apostar nessas forças fracas. Sem elas, só haveria o horror, a coerção pura, a destruição em massa, a desintegração generalizada.

Resistir ao mal, resistir à crueldade, é resistir ao que separa, ao que afasta, sabendo-se que, no fim, eles vencerão a partida; resistir a todas as barbáries originárias do espírito humano é defender? frágil, o perecível, sorrir ao sorriso, consolar as lágrimas ... E resistir a nós mesmos, à nossa mesquinhez, indiferença, lassidão e desânimo.

A resistência à crueldade do mundo exige aceitação do mundo. A ética da resistência é também ética de aceitação, a única que permite resistir. Beethoven expressou da maneira mais densa a necessidade complementar, embora antagônica, de aceitar e rejeitar o mundo: *Muss es sein? Es muss seins!*. Será que isso pode/deve ser? Isso pode/deve ser!

Isso significa aceitar o nosso destino de *homo sapiens/demens* do qual não podemos extirpar a loucura, aderir à vida apesar dos seus horrores, aceitar a crueldade objetiva que nos faz viver da morte de outros, mas recusar a crueldade subjetiva que consiste em querer fazer mal, fazer sofrer, torturar.

A vida resiste à morte incorporando a morte. A ética resiste à morte incorporando a morte; resiste à crueldade assumindo uma parte dela. E não deve ignorar tudo o que uma vida humana com-porta de crueldade e de barbárie em relação ao mundo vivo. A ética não tem as mãos sujas, mas não tem tampouco as mãos puras.

### *A finalidade ética*

A finalidade ética tem duas faces complementares. A primeira é a resistência à crueldade e à barbárie. A segunda é a realização da vida humana. Como foi indicada no volume anterior a este, "o tempo de U1na vida humana pode ser totalmente submetido à necessidade de sobreviver para viver, ou seja, sofrer com o trabalho sem ter a garantia de gozar a vida, a não ser por flashes ... Assim, em lugar de sobreviver para viver, vive-se para sobreviver".

Viver humanamente é assumir plenamente as três dimensões da identidade humana: a identidade individual, a identidade social e a identidade antropológica. É sobretudo viver poeticamente a vida. Viver poeticamente, vimos, "acontece-nos a partir de um certo patamar de intensidade na participação, na excitação, no prazer, estado que pode ser alcançado na relação com o outro, na relação comunitária, na relação estética ... ". É vivido como alegria, embriaguez,

comemoração, gozo, volúpia, delícia, encantamento, fervor, fascinação, beatitude, deslumbramento, adoração, comunhão, entusiasmo, exaltação, êxtase. Produz satisfação carnal e espiritual. Leva-nos a alcançar o sagrado, um sentimento que aparece no apogeu da ética e do poético.

"O máximo da poesia, o máximo na união da sabedoria com a loucura, como o máximo da religião, é o amor."

### *A fé ética*

A fé ética é o amor. Mas é um dever ético proteger a racionalidade no coração do amor. A relação amor/razão deve ser em *yin yang*, um sempre ligado ao outro e sempre contendo em si o outro no seu estado original. Esse amor nos ensina a resistir à crueldade do mundo, a aceitar/recusar esse mundo. Amor é também coragem. Ele nos permite viver na incerteza e na inquietude. É remédio para a angústia, resposta para a morte e consolo. É o doutor Lave que pode salvar Mister Hyde. Paracelso dizia: "Toda medicina é amor". Digamos também e sobretudo:

"Todo amor é medicina".

O médico amor diz-nos: ame para viver, viva para amar.

Ame o frágil e o perecível, pois o mais precioso, o melhor, inclusive a consciência, a beleza, a alma, são frágeis e perecíveis.